

---

**ENQUANTO HOVER UM FIO DE  
ESPERANÇA, DEUS AÍ ESTÁ: CATOLICISMO  
POPULAR NO CONTO “NHOLA DOS ANJOS”,  
DE BERNARDO ÉLIS\***

---

Carolina Teles Lemos\*\*  
Maria Aparecida de Castro\*\*\*



**Resumo:** *apresenta-se uma análise das concepções religiosas evidenciadas pelos personagens do conto “Nhola dos Anjos”, de Bernardo Élis. Destaca-se que, em um contexto de tragédia e desespero, a religião apresenta-se aos personagens como um ténue fio de esperanças, no qual elas agarram-se até o último minuto de suas vidas. Essa forma de expressão religiosa, típica do catolicismo rústico, expressa traços da cultura goiana no período em que o autor escreveu seu conto, a década de 1930, no interior de Goiás, em um contexto de extremas necessidades da população ribeirinha. O autor retrata com maestria tal momento sócio-cultural, de tal forma que os aspectos culturais por ele descritos ainda hoje causam movimentos na sensibilidade do leitor, atualizando, assim, sua mensagem.*

**Palavras-chave:** *Literatura. Religião. Conto. Cultura Goiana. Bernardo Élis.*

## LITERATURA E RELIGIÃO

**I**niciamos este artigo dialogando com a afirmação de Candido (1972, p. 54), que “a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social”. Assim a literatura pode espelhar a sociedade, embora não seja só seu espelho, pois é uma criação linguística e estética livre de amarras.

---

\* Recebido em: 23.06.2017. Aprovado em: 15.11.2017.

\*\* Depto FIT, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

\*\*\* Doutora em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Funcionária Técnico Administrativo - Biblioteca, IFG, Inhumas.

Se a literatura é a transposição do real, e como a religião contém e expressa o *ethos* de uma determinada população (GEERTZ, 1989)<sup>1</sup>, sendo, portanto, parte e expressão desse real, a produção literária se apresenta como um espaço passível de análise do religioso e do real que ele contém e expressa. Vemos, portanto, na análise da religião no espaço da literatura uma porta de entrada para se compreender mais profundamente inter-relação entre religião e sociedade. A partir de tal pressuposto, visamos, então, apresentar uma demonstração de como se dá essa inter-relação no espaço da literatura, ao tentar desvendar a visão de mundo de Bernardo Élis em relação à sociedade na qual ele se insere e da qual fala em suas obras. Assim enfrentamos aqui o desafio de “trazer à luz”, de interpretar um dos contos da obra de Bernardo Élis com as lentes da sociologia (da religião e rural), da história (agrária e de Goiás), e de estudos literários e de gênero. Na nossa perspectiva a literatura de Élis é ficção, criação, imaginação, mas é também “um espelho” onde se enxergam os mais profundos recônditos da realidade sociocultural, e, traz a vivência da religião no mais íntimo dos sujeitos que habitam o mundo rural goiano. É essa dupla perspectiva da religião, enquanto realidade sociocultural, e experiência profunda da subjetividade dos sujeitos, que exploramos nesse trabalho de pesquisa. Enxergamos a literatura de Élis não só como “espelho”, mas também como registro, “documento histórico” no qual os(as) goianos(as) podem ver sua gênese cultural, podem “se ver”.

Destaca-se que a forma de se perceber a religião nesta análise não é de um ponto de vista teológico, mas sim fenomenológico. Desta forma, será possível constatar como a literatura, e os contos de Élis mais especificamente, é um espaço privilegiado de expressão do religioso. Aqui a hermenêutica literária é uma ferramenta metodológica utilizada no esforço de “decifrar” o mundo rural de Élis, e “adentrar” ao que há de mais profundo e camuflado na sua ficção, procurando trazer à luz o que está à sombra.

Essa pesquisa se alicerça na hermenêutica de textos literários na forma de contos, entendendo-se que “o conto é uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens” (GANCHO, 2001, p. 8). Porém, essa condensação das categorias não o impede de ter complexidade.

Assim na busca de adentrar as “sombras” e “jogar luz” sobre o texto de Élis, utilizamo-nos da hermenêutica literária, enquanto uma metodologia de investigação, cuja função é “[...] transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência consiga compreender” (PALMER, 2015, p. 23). Nesta perspectiva, a leitura de um texto literário está marcada pela subjetividade, pela complexidade de “interpretar” o contexto onde a palavra foi produzida e sua intenção (CANDIDO, 1987, p. 20). A interpretação evidencia um novo olhar, “[...] uma relação nova, que através dela se estabeleceu entre as palavras, as coisas e sua ordem - tudo isso pode ser agora trazido à luz” (FOUCAULT, 1990, p. 328).

Nesta leitura da literatura de Bernardo Élis, fizemos o “recorte” do conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, que no livro *Melhores contos*, de Bernardo Élis, (2003). Alertamos para a importância da leitura do referido conto na íntegra, pois só assim o(a) leitor(a) poderá acompanhar nosso olhar sobre a brutalidade e a pujança dessa narrativa. Escolhemos este conto porque traz à tona a religiosidade do homem e da mulher rural, bem como a opressão, a violência da configuração cultural patriarcal coronelista do mundo rural goiano. Trata-se de um conto “tradicional”, no sentido de ter início, meio e fim, e, apresentar o catolicismo rústico, conforme definido por Queiroz (1973), o patriarcalismo, e o coronelismo enquanto feições inerentes às paisagens rurais goianas.

Entendemos que, de modo geral, na criação literária de Bernardo Élis, e no conto analisado, está presente uma forte carga de crítica política e social. Nas décadas de 1940 e 1950, *Élis* militou no Partido Comunista em Goiás. Segundo Almeida (2003), essa militância explica o caráter de protesto presente em sua literatura e mostra quão engajada na realidade de seu tempo era a vida do autor.

Seu posicionamento político, sua militância de esquerda reverberam em sua criação estética. No conto em destaque, ele faz uma profunda e velada crítica à opressão “sorradeira” do patriarcalismo e a ação violenta do coronelismo em Goiás, que impõe as populações rurais um processo de empobrecimento crescente que leva a desumanização.

É um conto trágico, que traz em vivas cores a estética da dor, da “feiura” da miséria humana em toda sua pujança. Traz o modo de vida das populações rurais goianas da primeira metade do século XX, enquanto espaço fecundo para análise da religião (catolicismo rústico) e do *modus operandi* patriarcalista, coronelista que engendraram o processo histórico de formação da sociedade goiana, e que ecoam na realidade sócio-cultural e econômica de Goiás, nos dias de hoje, século XXI.

Adentramos as profundezas das “entrelinhas” do texto bernardiano para investigarmos o papel da religião no constructo sociocultural goiano, e também, explicações socio-históricas, culturais e econômicas para a configuração patriarcal, coronelista do *ethos* da cultura goiana.

Enxergamos a literatura de Élis, como um “documento” histórico, sociológico, carregado da complexidade, da densidade “da vida” e “da cultura rural” goiana. A literatura leva a uma “compreensão da vida, e da morte” (OLIVEIRA, 2008). “[...] Todo leitor é, quando está lendo, um leitor de si mesmo. A obra não passa de uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo” (PROUST, 2004, p. 297).

A literatura de Bernardo Élis é, nesse estudo, uma “espécie de instrumento óptico”, de que trata Proust (2004). É “a lente” que utilizamos para “ler” o processo sócio-histórico que configurou o *ethos* da cultura goiana. Através das “lentes” de sua literatura, perscrutamos o universo rural trágico, “escatológico”, onde (sobre)-vivem e “resistem” seus sombrios personagens. Nossa hipótese é de que o catolicismo rústico, o patriarcalismo, o coronelismo postos à mostra no conto em destaque, estão na gênese do *ethos* goiano, se convertendo em fatores explicativos elementares de “porquê” a sociedade, a cultura goiana é como é.

Esclarecemos que, em nossa análise, entendemos que o coronelismo e o patriarcalismo, embora sejam fenômenos distintos, sendo que o último é um fenômeno de amplo espectro, que perpassa os mais profundos estratos da cultura, ainda assim ambos dialogam e se entrecruzam permanentemente, no sentido de que se constituem em padrões ideológicos de dominação, transmitidos historicamente. Embora a ênfase do coronelismo esteja no domínio político- econômico local, tanto o patriarcalismo, quanto ele próprio, se assentam no mando arbitrário, e, muitas vezes, violento, do masculino: seja em termos de gênero ou em termos políticos e econômicos.

A abordagem metodológica utilizada nessa pesquisa foi qualitativa por meio de estudo bibliográfico e análise teórica. Para Gil (2007), ao teorizar-se sobre os dados, produz-se o confronto entre a abordagem teórica e o que a investigação aporta de singular como contribuição. Com o amparo teórico da sociologia da religião e rural, da história agrária, e dos estudos literários, e de gênero os dados da pesquisa foram tratados qualitativamente.

## NHOLA DOS ANJOS, O CONTO

Como afirmamos anteriormente, nesta leitura da literatura de Bernardo Élis, fizemos uma leitura do conto *Nhola dos Anjos*. Escolhemos este conto porque traz à tona a religiosidade do homem e da mulher rural. Entendemos que a literatura leva a uma “compreensão da vida, e da morte” (OLIVEIRA, 2008). Os personagens que investigamos não são sujeitos de seu “próprio destino”, tem suas vidas marcadas pela tragédia, pela absoluta pobreza, pela dominação, e pela violência. Entre os textos bernardianos o conto “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”, mostra com crueza a resignação com as condições de vida postas. Apresentamos, a seguir, um breve resumo do conto, para que possamos nos situar na análise:

*A velha Nhola, o seu filho (Quelemente) e o seu neto moravam numa casa em Corumbá de Goiás (cidade onde o autor morava) dentro de um terreno triangular. O terreno possuía dois lados onde passava um rio de correnteza muito forte, e um lado com uma várzea, que não se podia atravessar durante as enchentes. A velha pede ao neto que fosse olhar se o nível do rio estava subindo e, com espanto, percebe que a várzea estava começando a ser coberta pela água. Correram, a senhora Nhola e seu filho, para colocarem todos os objetos e alguns móveis fora do alcance da água. As camas, que quase nunca eram usadas, tiveram que ser colocadas em cima de suportes para que a cheia não danificasse os colchões.*

*A senhora de 71 anos possuía uma doença que deixava suas pernas atrofiadas, não conseguia andar direito, e era a única que usava a cama regularmente para que pudesse descansar as suas pernas. Os três moradores tinham um cachorro, que fazia a guarda da casa, mas era bastante preguiçoso quando era para correr atrás de algo. Há anos que a pequena família queria se mudar daquele local, sempre falavam que iam se mudar para a dona Nhola. Antes era o marido, que morreu de maleita (malária), agora é o filho. Quelemente tinha uma esposa, mas esta também morreu de maleita.*

*A enchente havia começado, mas estava bem maior do que era esperado e ela acabou levando o cachorro para longe da casa, apenas ouviam-se latidos. Depois a água começou a chegar nos móveis mais altos, deixando todos em desespero por perderem a maioria dos seus bens materiais e sua dignidade por terem lutado a conseguirem esses bens. O filho de Quelemente teve a ideia de fazer uma jangada com as partes de móveis que eram de se encontrar, e o pai concretizou a ideia. Agora todos estavam em cima da jangada para poderem sobreviver à cheia.*

*Depois de alguns minutos as paredes começaram a rebentar, caindo na água e fazendo ondas que empurravam a jangada para longe da casa. Mas havia um problema, a embarcação improvisada estava indo em direção à cachoeira. O barulho da força da cachoeira estava cada vez mais perto, quase que imperceptível por causa dos gritos da velha Nhola.*

*A senhora de 71 anos acabou perdendo o equilíbrio caiu da jangada, estava pendurada por-*

*que havia segurado na borda de madeira. Quelemente percebeu que a embarcao estava perdendo equilíbrio por causa da sua mãe, e chegou  conclusão de que todos iam acabar caindo no rio. Então tomou a decisão de derrubar sua mãe do barco improvisado para que não houvessem consequências maiores. Deu dois chutes e a Nhola sumiu nas guas.*

*A jangada acabou virando de qualquer jeito e o homem, que acabara de afogar uma idosa, percebeu que o rio era raso. Segurou o seu filho, e saiu pelas águas procurando a senhora Nhola. Esqueceu de que ela possuía as pernas atrofiadas e que não podia ficar de p mesmo na água rasa. Até que a água engoliu os sobreviventes finais que seguiram o caminho da idosa.*

Destaca-se que a promessa de mudança, de sair daquela situao de penúria e perigo passou de gerao em gerao:

*Este ano se Deus ajudá, nois se muda”. Há 40 anos a velha Nhola vinha ouvindo aquela conversa fiada. A princípio fora seu marido: - “Nois precisa de mudá, praqu senão a água leva nois”. Ele morreu de maleita e os outros continuaram no lugar. Depois era o filho que falava assim, mas nunca se mudara. Casara-se ali: tivera um filho; a mulher dele, nora de Nhola morreu de maleita. E ainda continuaram no mesmo lugar a velha Nhola, o filho Quelemente e o neto, um biruzinho sempre perrengado (ÉLIS, 2003, p. 27-8).*

No que se refere à religião, da boca dos personagens bernardianos, s saem pedidos de proteo e de ajuda aos(as) santos(as) para “aguentar” e para enfrentar com coragem o sofrimento. Nunca pedem aos santos e as santas para lhes dar ânimo ou força para lutar por uma mudança na situao de suas vidas.

A expressão “[...] Se Deus ajudá”, que sai da boca dos personagens de Élis,  corriqueiramente utilizada pelos(as) brasileiros(as) (SANCHIS, 2008), e goianos(as), e revela a religião enquanto um sistema simbólico que organiza o mundo do sujeito, e contribui para a imposio camuflada dos princípios de estruturao da percepo do mundo social (BOURDIEU, 1998). No universo da família dos Anjos, a religião é o catolicismo rústico, esse influi na percepo que a família tem do mundo social. As condioes socioeconmicas e de moradia, dessa paupérrima família ribeirinha, vo melhorar, e eles vão se mudar para “um lugar melhor”, “se Deus ajudá”. Assim, Nhola dos Anjos e a família passam ano após ano, gerao após gerao, esperando.

No contexto sociocultural de Nhola dos Anjos, a religião, além de exercer a funo de consoladora, de dissipadora de medos, respondendo de maneira plausível as perguntas acerca do sentido da vida (LUHMANN, 2007), “nos parece” também exercer a funo de reforçadora da apatia e da falta de “nimo” para lutar por mudanças nas condioes de vida postas.

Na atitude desesperada de Quelemente está a “dor impossível” de ter que escolher entre a vida de sua mãe e de seu filho. Aqui a violência da natureza se junta  miserabilidade da vida de todo um grupo populacional, que é o das famílias ribeirinhas, que convivem, muitas vezes, uma vida inteira, com a calamidade, com o pesadelo das enchentes. O dilema moral enfrentado por Quelemente traz

embutido a impossibilidade de um desfecho feliz, uma vez que precisa escolher entre a vida de um filho indefeso e a da própria mãe.

Nhola dos Anjos é a mãe, a matriarca, a protetora da família. O “Anjo”, em seu nome, remete a proteção, ao “anjo protetor”. Como tantas mulheres, ela é o sustentáculo da família. Um ditado popular mexicano afirma que “[...] uma casa não se apoia no chão, mas numa mulher”. Essa é uma verdade incontestável em seu universo ribeirinho. No entanto, mesmo construída com toda essa simbologia de força e proteção, a personagem não consegue proteger, nem salvar sua família, ou a si mesma, da fúria das águas do Rio Corumbá. O desfecho de sua história não permite, ao(a) leitor(a), uma “certeza absoluta” do que aconteceu consigo, deixando “subentender” que, assim como ela, toda família morre tragada pelas águas da cheia do Corumbá.

No mundo ribeirinho de Élis, ao mesmo tempo em que a água possibilita a vida, ainda que uma vida miserável e frágil, ela também a destrói com sua força. A água, no universo de Nhola dos Anjos, traz o simbolismo do caos, da tragédia, da morte. Por outro lado, nas religiões, a água pode também ser símbolo de vida, de purificação. Como exemplo desse simbolismo positivo, no Cristianismo, a água é símbolo de vida, de (re)nascimento pelo batismo. O simbolismo da água é universal e “[...] não foi abolido nem desarticulado pelas interpretações históricas (judaico-cristãs) do simbolismo batismal”. “[...] A História não conseguiu modificar radicalmente a estrutura de um simbolismo arcaico” (ELIADE, 1992, p. 68).

No mundo ribeirinho de Nhola dos Anjos, a água da chuva é razão de apreensão. Quando começa a chover Nhola pede ao neto para sair e verificar se o Rio Corumbá já estava enchendo. É nesse momento que ela pede ao neto para fazer uma “simpatia” para parar de chover.

*[...] - Fio, fais um zóio de boi lá fora pra nós. O menino saiu do rancho com um baixeiro na cabeça, e no terreiro, debaixo da chuva miúda e continuada, enfiou o calcanhar na lama, rodou sobre ele o pé riscando com o dedão uma circunferência no chão mole – outra e mais outra. Três círculos entrelaçados, cujos centros formavam um triângulo equilátero. Isso era simpatia para fazer estiar (ÉLIS, 2003, p. 26).*

A simpatia para parar de chover está invocando forças mágicas através do rito. No triângulo equilátero desenhado pelo neto de Nhola dos Anjos, se presentifica simbolicamente, o ato mágico pedindo proteção contra o mal, e também a tradição cristã de representar a santíssima trindade. A força e a coragem de Nhola dos Anjos emanam de sua relação com os(as) santos(as) católicos(as), e do cuidado, do amor pela família. Quando as águas da enchente entram no rancho e vem

*[...] banhar as pernas inúteis de mãe Nhola:  
- Nossa Senhora d’Abadia do Muquem!  
- Meu Divino Padre Eterno!*

*O menino chorava aos berros, tratando de subir pelos ombros da estuporada e alcançar o teto (ÉLIS, 2003, p. 28).*

No momento do desespero, a religião aciona aspectos profundos da subjetividade da perso-

nagem que pede forças e proteção aos(as) santos(as) de sua devoção.  nesses momentos crucias da vida, momentos de grande dor, de risco de morte, que vem à tona nossa verdadeira “essência”. São neles que vem à tona quem “realmente somos” e em que e/ou quem acreditamos. Além de Nossa Senhora, Nhola evoca o próprio Deus, na figura do Divino Pai (Padre) Eterno, que na religiosidade popular é mais um santo.

Principalmente nas situações em que a realidade da vida cotidiana é posta em dvida, a religião integra o ser humano em um *nomos* compreensivo (BERGER, 1985). Nesse sentido, a religião  parte da “via-crcis”, sem fim, em que vivem os personagens, que só termina com a morte. Nesse cenário, ela “toma parte” no sofrimento, na dor dos personagens.

## IDEIAS CONCLUSIVAS

A análise acima buscou evidenciar que, no universo rural de Élis, a religião tem uma “contradição interna”, um componente dialtico, pois é, ao mesmo tempo, fonte de “alguma” esperança, e também de “alienação e torpor”,  “pio” (MARX, 2004), que aliena, “paralisa”, “impede” de lutar. Ela não impulsiona, nem d ânimo para que os personagens tomem “as rédeas” de suas vidas em suas mãos. Os “gritos” de socorro dos personagens, os pedidos de proteção aos santos e às santas, “se perdem” no turbilhão de dor e morte em que estão mergulhados. Se perdem também em meio ao caos de sofrimento, “sem solução” em que vivem, sufocando-os, como Nhola dos Anjos, sufocada pela fúria das águas e pelo abandono.

O universo rural, criado por Bernardo lis, carrega consigo as injustiças, as “feiuras” da realidade das áreas rurais goianas da primeira metade do século XX. lis utiliza as cores da tragédia para “revelar” o desespero, a dor, e a loucura, frutos de uma realidade cultural de opressão e morte. Enquanto isso, a religião, o catolicismo rústico, na condição de construção social coletiva, reflete as contradições, a desesperança, e a tragédia que caracterizam esse mundo rural fictício, mas de uma “verdade” contundente. A tragédia, nesses contos, encontra-se em seu sentido mais arcaico e visceral da pequenez, da fragilidade humana ante a inevitabilidade da dor e da morte.

A religião “não ajuda”, pois não há esperança, nem resistência possível. Os movimentos socioreligiosos de organização e luta dos(as) trabalhadores(as) rurais goianos(as) contra a opressão coronelista, como Trombas e Formoso, e Santa Dica também não ajudam, pois estão ausentes naquelas regiões.

A religião, o catolicismo rústico do universo rural de Élis passa longe do “catolicismo alegre” das festas dos(as) santos(as), da folia de reis, da “tração” (mutirões), que caracterizam a religiosidade rural. Passa longe da religião enquanto fonte de força para se movimentar e se unir para resistir à opressão, embora as festas religiosas e outros rituais do catolicismo de origem rural, que são praticados há longuíssima data em Goiás, sejam valores da cultura rural, que continuam presentes no cotidiano dos(as) goiano(as). Esses valores religiosos de raízes rurais são traços marcantes do *ethos* do povo goiano.

O “catolicismo fatalista”, que remete o sofrimento  “vontade” de Deus, que impregna o universo rural bernardiano, não foi inventado por Élis, ele está presente na gnese histórica da sociedade brasileira e goiana.

Quanto ao patriarcalismo, embora Nhola dos Anjos,  primeira vista não seja afetada pela

dominação patriarcalista, coronelista, ela sente essa dominação na pele, no corpo, através da dependência física, econômica, e afetiva de seu filho Quelemente.

Pelo acima exposto, o conto ora analisado apresenta-se como uma porta de entrada às profundezas do processo de construção do *Ethos* goiano. Boa leitura!

#### AS LONG AS THERE IS A GLIMMER OF HOPE, THERE'S GOD: POPULAR CATHOLICISM IN THE STORY "ASSOCIATION OF ANGELS" BY BERNARDO ELIS

**Abstract:** *presents an analysis of the religious concepts highlighted by the characters in the short story "Association of Angels" by Bernardo Elis. Highlights that, in a context of tragedy and despair, religion presents itself to the characters as a tenuous thread of hope, in which they hold until the last minute of their lives. This form of religious expression, typical of the rustic Catholicism, expresses the cultural traits goiana in the period in which the author wrote your tale, the Decade of 1930, in the State of Goiás, in a context of extreme needs of the Riverside population. The author portrays masterfully such socio-cultural moment, in such a way that the cultural aspects for him described today cause movements in the sensibility of the reader, updating, so your message.*

**Keywords:** Literature. Religion. Tale. Goiana Culture. Bernardo Elis.

#### Nota

- 1 O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade da sua vida "[...] e sua visão de mundo" (GEERTZ, 1989, p.103).

#### Referências

- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Sergio Miceli (Org.). São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Revista Ciência e Cultura*, Campinas, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.
- CANDIDO, Antonio. *Estudo analítico do poema*. São Paulo: FFLCH/ USP, 1987.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ÉLIS, Bernardo. *Melhores contos Bernardo Élis*. São Paulo: Global, 2003 (Coleção melhores contos).
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- GANCHO, Candida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2007.
- LUHMANN, Niklas. *La religión de la sociedad*. Madrid: Trotta, 2007.
- MARX, Karl. Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel. In MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- OLIVEIRA, Andria da Silva. *A construção literária do homem simples: alienação e metamorfismo*. Cuibá,

2008. Dissertao (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2008. Disponível em: <[www.ufmt.br/ufmt/unidade/.../001c6a6d3dc30aea6fcdeefd3397e24.pdf](http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/.../001c6a6d3dc30aea6fcdeefd3397e24.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2015.

PALMER, Richard. *Hermenutica*. Lisboa-Portugal: Edioes 70, 2015.

PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. São Paulo: Globo, 2004 (Em busca do tempo perdido, 7).